AULAS DE CAMPO E MULTILETRAMENTOS A PARTIR DO OLHAR DE BOLSISTAS DO PIBID

Isa Vitória Oliveira da Silva Leandro[1]; Tanara Lima Araújo[2]; Nycole Freitas dos Santos Silva[3]; Gabriel Linhares de Sousa[4] ; José Pedro Guimarães da Silva[5]

[1]Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, isav.leandro@aluno.uece.br.

[2]Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, tanara.lima@aluno.uece.br.

[3]Professora da Educação Básica, Fortaleza, Ceará, Brasil, nycole.freitas0207@gmail.com

[4]Professor da Prefeitura Municipal de Fortaleza (PMF), Fortaleza, Ceará, Brasil, gabriel.linhares@educacao.fortaleza.ce.gov.br.

[5]Professor do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil, pedro.guimaraes@uece.br.

RESUMO

Este artigo analisa a potencialidade das aulas de campo como estratégias promotoras de multiletramentos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Fundamentado na perspectiva de Paulo Freire sobre a "leitura do mundo" e na teoria de Roxane Rojo acerca da multimodalidade, o estudo investiga como espaços não formais de educação ampliam o repertório simbólico dos estudantes. A pesquisa, de natureza qualitativa e do tipo estudo de caso, utilizou como corpus os diários reflexivos de bolsistas do PIBID/UECE e as produções (textos e desenhos) de alunos do 3º ano após visitas à XV Bienal Internacional do Livro do Ceará e ao Museu da Fotografia de Fortaleza. Os resultados demonstram que o aprendizado transcende os limites físicos das instituições, integrando o trajeto urbano e o acervo cultural. Conclui-se que a aula de campo atua como uma "curadoria afetiva", na qual a criança processa experiências estéticas e históricas, transformando-as em narrativas pessoais e consciência crítica, validando a premissa de que a alfabetização visual e cultural é indissociável da prática pedagógica contemporânea.

Palavras-Chave: Multiletramento; Aula de Campo; Pedagogia; PIBID.

Introdução

A leitura é um ato que transcende a mera decodificação de signos e o reconhecimento mecânico de palavras. Configura-se como um processo complexo de apreensão da realidade e das relações que a sustentam, articulando a linguagem à concretude da vida. Essa simbiose entre texto e contexto permite que o sujeito interprete sua própria existência sob novas perspectivas, transformando a percepção passiva em consciência crítica.

Paulo Freire (1989), em sua obra fundamental “A importância do ato de ler”, assevera que a alfabetização é, primordialmente, um aprendizado da leitura do mundo. Para o autor, compreender o contexto não é uma manipulação técnica, mas uma "relação dinâmica que vincula linguagem e realidade". Sob essa ótica, a leitura é alicerçada nas experiências sensoriais e sociais; é a partir das vivências particulares que o indivíduo constrói os andaimes para interpretar a coletividade e o universo simbólico que o rodeia.

Ao refletir sobre como essa apropriação da escrita e da leitura pode romper as barreiras da codificação formal, surge o conceito de Multiletramentos. Esta perspectiva expande as noções tradicionais de letramento ao abarcar a multimodalidade das comunicações contemporâneas. Não se trata apenas de ler o impresso, mas de dominar competências que integram cultura, tecnologia e múltiplas linguagens (visuais, sonoras, espaciais) no processo de ensino-aprendizagem.

No cenário brasileiro, a pesquisadora Roxane Rojo (2012) destaca que o debate sobre multiletramentos, originado pelo Grupo de Nova Londres, reconhece que os jovens já habitam ecossistemas comunicativos diversos. Esses saberes prévios, muitas vezes ignorados pela escola tradicional, constituem ferramentas pedagógicas potentes. Assim, o multiletramento exige que a educação considere a hibridização cultural e a multiplicidade de semioses presentes na sociedade. As práticas pedagógicas devem, portanto, transcender a hegemonia do texto escrito, incorporando metodologias que validem a música, a imagem e as interações sociais como fontes legítimas de conhecimento.

Nesse horizonte, as aulas de campo emergem como uma estratégia pedagógica de vanguarda. Elas funcionam como laboratórios vivos que ampliam os territórios de aprendizagem, promovendo a articulação intrínseca entre teoria e práxis. Se "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 1989, p. 13), o deslocamento para espaços geográficos, culturais ou científicos estimula a curiosidade epistemológica. A experiência fora da sala de

aula permite que o aluno "leia" o espaço, as relações e os objetos, tornando o aprendizado uma construção sensível e significativa.

Dessa forma, este estudo propõe uma análise das aulas de campo sob a ótica dos multiletramentos, tomando como corpus os registros reflexivos de bolsistas do PIBID e as expressões gráficas das crianças pós-visita ao Museu da Fotografia. O objetivo é investigar como o deslocamento para espaços não formais amplia o repertório simbólico dos estudantes, validando a hipótese de que o ato de ler o mundo, que engloba desde o trajeto urbano até o acervo museal, é uma forma de letramento crítico que integra tecnologia, memória e identidade social.

Esta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, que, conforme Minayo (2009), volta-se ao universo das significações, dos motivos, das aspirações e das crenças. Tal abordagem é a que melhor se adequa à compreensão das subjetividades dos bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e à percepção de como as aulas de campo influenciam o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

> O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos (MINAYO, 2009, p. 21).

Quanto aos procedimentos, trata-se de um estudo de caso com análise documental, cujas fontes primárias de coleta de dados foram os diários reflexivos e registros de observação elaborados pelos bolsistas do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). O corpus da análise compreende as experiências vivenciadas em duas aulas de campo distintas realizadas em 2025: a visita à XV Bienal Internacional do Livro do Ceará e ao Museu da Fotografia. A análise buscou identificar, nas narrativas dos bolsistas, os pontos de intersecção entre a prática itinerante e a consolidação dos multiletramentos nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Também foram analisadas as produções dos estudantes, a textual realizada logo após a visita, no mesmo dia como atividade de casa, e as produções livres, oriundas de uma atividade nos dias seguintes à vivência. Assim, em seguida, apresenta-se o referencial teórico que sustenta a investigação integrado à discussão dos resultados, com nossas considerações finais a seguir.

Desenvolvimento e Discussão

As vivências fora dos muros escolares atuam como catalisadoras da curiosidade epistemológica. Ao serem apresentadas a um "mundo novo", as crianças ativam mecanismos de atenção e percepção que a sala de aula convencional muitas vezes não consegue mobilizar. Esse deslocamento atribui um novo significado pedagógico ao aprendizado, permitindo que os alunos construam conhecimentos a partir de uma perspectiva sensível e situada.

A pesquisadora Roxane Rojo (2012) aprofunda o conceito de Multiletramento, destacando que o ensino deve valorizar as múltiplas formas de linguagem, sejam elas verbais, escritas, visuais ou digitais, reconhecendo as múltiplas semioses que relacionam o cotidiano do estudante. Nesse sentido, as aulas de campo podem ampliar as multiformas de construção de conhecimento, ao valorizar a cultura e vivências do aluno no processo de ensino e aprendizado, enfatizando a importância de uma educação crítica e transformadora, contemplando a diversidade cultural e linguística.

Trabalhar com os multiletramentos é ampliar o currículo escolar, envolvendo produções e temáticas que tornam a aprendizagem mais significativa, integrando e articulando as novas experiências dos alunos aos seus conhecimentos, promovendo inclusão, participação e construção de sentidos sobre o mundo que os cerca, integrando diversos modos de significação.

> Trabalhar com os multiletramentos partindo das culturas de referência do alunado implica a imersão em letramentos críticos que requerem análise, critérios, conceitos, uma metalinguagem, para chegar a propostas de produção transformada, redesenhada, que implicam agência por parte do alunado (Rojo, 2012, p.12).

Dessa forma, aconteceram duas aulas de campo com uma turma de 3º ano do ensino fundamental, da Escola Municipal Francisco Nunes Cavalcante, localizada no município de Fortaleza-CE. Nessas vivências, os(as) bolsistas do PIBID estiveram presentes, juntamente com o professor da turma e supervisor do programa. A seguir, apresenta-se e analisa-se essas aulas de campo.

A Bienal do Livro: O Encontro com o Multiletramento

A participação na XV Bienal Internacional do Livro do Ceará, em abril de 2025, proporcionou a uma turma do 3° ano o contato direto com a diversidade do objeto "livro" e suas múltiplas linguagens. A proposta, articulada pelo professor supervisor do PIBID, visou desmistificar a leitura como uma tarefa meramente escolar e obrigatória. No evento, as crianças

mergulharam em um ambiente de multiletramentos, participando de oficinas de pintura, bate-papos com autores e contações de histórias, onde a palavra escrita se fundia à imagem e à performance oral. A exposição de livros continha uma extensa programação para todas as idades, para o público infantil, o foco era intencional e diversas programações foram ofertadas.

A literatura infantil é, antes de tudo, arte, pois ela transmite ao leitor mensagens que o significado depende de quem vê, ou no caso, de quem lê. De acordo com Coelho (2000), ela é o fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização. A BID 1 registrou em seu diário: *"Senti-me feliz por vê-los ter um contato tão íntimo com os livros, mesmo em tão pouco tempo na exposição"*. Esse "contato íntimo" reflete a quebra da barreira entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Quando a leitura deixa de ser um "dever" e passa a ser uma experiência de prazer, o aluno inicia seu processo de letramento de forma autêntica. Eventos e programações como a Bienal, podem fazer com que os livros sejam vistos de uma forma mais divertida. As crianças precisam desse contato sempre que possível para que entendam a importância do ato de ler. Outro registro destaca a importância desse incentivo frente à onipresença digital: *"Diante de tanta tecnologia, as crianças acabam não tendo tanto contato e nem incentivo quanto às leituras. Vejo na Bienal um ambiente novo para elas conhecerem diversas obras, como também valorizarem a importância da leitura no dia a dia.", relatou a BID 2.*

Um aspecto notável observado pelos bolsistas foi o exercício da autonomia. O episódio em que uma aluna decidiu, por iniciativa própria, utilizar suas economias pessoais ("cofrinho") para adquirir um livro, exemplifica como a aula de campo empodera o educando. Ao caminhar com as "próprias perninhas" até o estande e realizar a transação, a criança não comprou apenas um objeto, mas validou seu desejo e sua identidade como leitora.

Posteriormente, as crianças seguiram falando sobre como tinham gostado da visita e que queriam ir novamente. Na sala de aula, conversas sobre o evento surgiam de vez em quando e desenhos relacionados, também. Um momento tão simples e ao mesmo tempo tão inovador para eles, ficou marcado na memória.

O Museu da Fotografia: Lendo Imagens e Contextos

Em dezembro de 2025, a mesma turma visitou o Museu da Fotografia, por meio do projeto "Aprender Viajando" da Secretaria Municipal da Educação (SME) de Fortaleza. Esta

ação institucional evidencia o esforço em ampliar o repertório sociocultural dos estudantes da rede pública, democratizando o acesso a espaços de alta densidade cultural.

A visita ao museu é um exemplo fidedigno de multiletramento, pois exige a decodificação da imagem fotográfica, uma linguagem que demanda interpretação de contexto, luz, ângulo e intenção. A mediação feita por guias permitiu que as crianças compreendessem a historicidade das obras, transformando a observação visual em uma leitura crítica do mundo. O impacto dessas experiências reverberou para além do campo: na sala de aula, o surgimento espontâneo de conversas e desenhos sobre as visitas demonstrou que o conhecimento foi internalizado e ressignificado, comprovando que a aprendizagem significativa ocorre quando o mundo e a palavra se encontram em harmonia. A BID 3 enfatiza em seu diário que: *"A fotografia é uma ferramenta importante na educação, pois ajuda a desenvolver a sensibilidade estética e a forma como percebemos o mundo ao nosso redor."*.

Durante a apresentação da primeira exposição intitulada "A Máquina do Tempo" a monitora que guiou o trajeto fez um primeiro contato com as crianças em um momento de roda, ocasião em que ela explicou algumas regras do museu e, apresentou uma das primeiras câmeras fotográficas para as crianças. Eles puderam olhar sob a lente e perceber como era a visão dos fotógrafos da época, e comparar com as percepções das fotos atuais. Como afirma Vygotsky (1998), o desenvolvimento cognitivo acontece por meio de interações sociais, onde o outro desempenha um papel importante na construção do conhecimento. Ao permitir que as crianças observassem pela lente da câmera antiga e fizessem uma comparação com as fotografias atuais, a monitora permitiu uma articulação com os conhecimentos prévios das crianças com o novo objeto apresentado. *"Foi tão bonito ver a empolgação de cada criança ao ver a câmera, eles olhavam pela lente e em seguida falavam pra quem estava do lado o que viam com um brilho no olhar, era de se encantar."*, explicitou a BID 4 em seu diário reflexivo.

Durante todo o percurso da visita, foi possível perceber as várias dimensões culturais e históricas presentes no Brasil, as fotografias expostas mostravam diferentes contextos que se apresentavam no país e no Ceará. Nessa perspectiva, a fotografia se ancora como uma prática social de linguagem, pois traz sentidos que vão além do texto escrito. Como explica Rojo (2012) a compreensão dos multiletramentos amplifica a noção de leitura ao considerar múltiplas linguagens e modos de significação presentes nas práticas sociais atuais.

As crianças demonstraram muito interesse pelas obras e fotografias, estavam sempre atentos à explicação da monitora sobre o contexto histórico de cada uma. A guia sugeriu uma "atividade" para as crianças, onde eles precisariam escolher uma das fotografias e ao final, explicar o que mais achou interessante nela. Foi um momento simples, mas que fez uso da atenção e percepção de cada um.

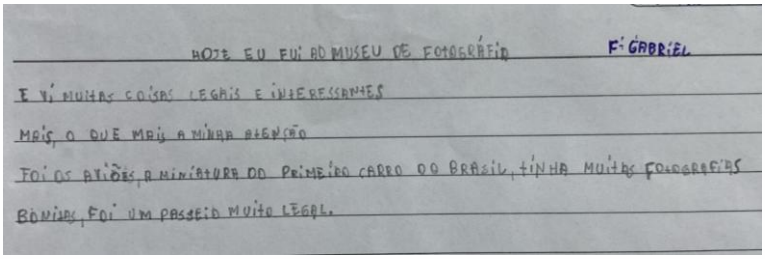
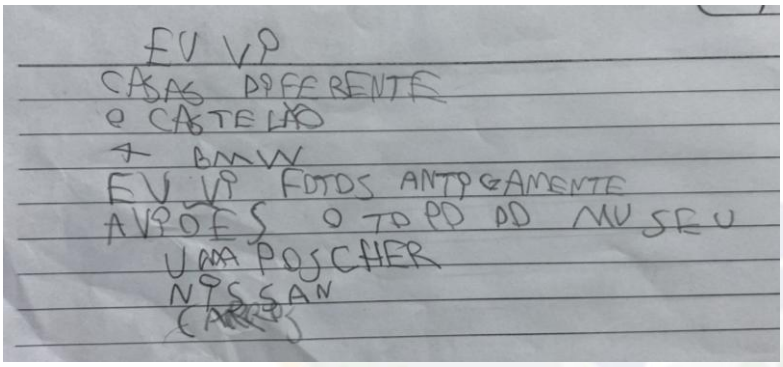
Na elaboração individual da escrita, notou-se na resposta de uma das crianças a percepção significativa no que desrespeita as transformações do espaço ao compreender que viu "paisagem natural e paisagem modificada pelo homem". Essa correlação revela que a criança identificou as diferenças entre os elementos naturais e aqueles que são resultados da ação humana, o que revela uma leitura das imagens exibidas na exposição. Quando o estudante percebeu que as paisagens foram alteradas devido às ações humanas, ela demonstra uma visão crítica acerca da interferência do homem no ambiente, articulando a observação com a interpretação. O registro mostra que a experiência no museu possibilitou não apenas um passeio fora do ambiente escolar, mas também a compreensão sobre a relação entre natureza, cultura e sociedade.

Diante dessa escrita, percebe-se a internalização de sentidos, que é explicado por Vygotsky (1998), quando explica que o desenvolvimento cognitivo acontece por meio das mediações e interações sociais, a experiência com diferentes contextos e linguagens são importantes no desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Diante disso, a vivência no museu junto da mediação da monitora, possibilitou que a criança construísse conceitos sobre a transformação do espaço, assimilando com as aprendizagens vividas em sala de aula com as construídas durante a visita.

Pode-se, visualizar outros exemplos da escrita dos estudantes no quadro a seguir:

Quadro 1 - Resumos dos Estudantes

Resumo	Descrição

	Texto escrito por um aluno, no qual ele explica que a visita foi interessante e fala das obras que mais gostou.
	O aluno descreveu que viu: casas diferentes, fotografias de antigamente, um quadro do estádio de futebol Castelão, aviões (expostos em miniatura), e fotografias de muitos carros (BMW®, Porsche®, Nissan®).

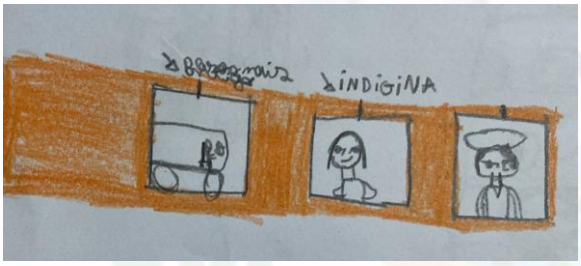
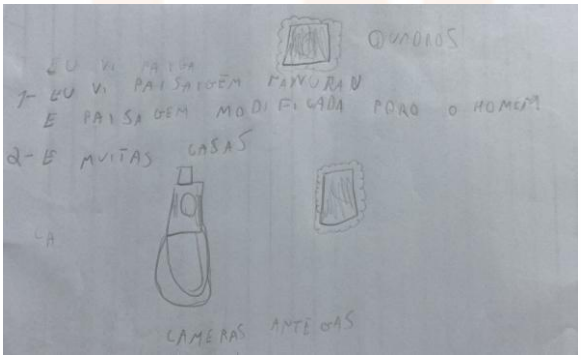
Fonte: Dados da pesquisa.

A produção dos estudantes revelou a potencialidade da aula de campo como estratégia de multiletramento, na qual a leitura de mundo precede a leitura da palavra. A capacidade de reter detalhes específicos, como a distinção entre miniaturas de aviões e fotografias de automóveis, dias após o evento, evidencia uma "aprendizagem viva". O museu deixa de ser um local estático e passa a ser um catalisador de memórias afetivas. O fato de o aluno descrever elementos do trajeto e do acervo com a mesma relevância mostra que, para a criança, o aprendizado é um fluxo contínuo que ignora as barreiras físicas do prédio do museu.

A produção textual e iconográfica dos estudantes revela que a aula de campo atua como um exercício de curadoria afetiva. Ao selecionarem elementos tão específicos, do estádio Castelão à sofisticação das marcas de automóveis e à delicadeza das miniaturas de aviões, as crianças não apenas reproduzem o que viram, mas organizam o mundo a partir de seus próprios centros de interesse. Esse movimento de transpor a imagem observada para a escrita ou o desenho consolida o aprendizado, pois exige que o aluno processe a experiência estética e a transforme em narrativa pessoal. Assim, o registro escolar deixa de ser uma mera tarefa de memorização para se tornar a expressão de um olhar que aprendeu a ler a cidade e a arte como textos complementares

Dando continuidade ao processo de sistematização da experiência, os estudantes foram instigados a transpor suas percepções para a linguagem visual. Esta etapa de produção livre permitiu que a subjetividade de cada aluno emergisse, revelando quais fragmentos da memória visual foram consolidados como aprendizado significativo. No Quadro 2, apresentam-se exemplos dessas produções, que operam como registros da síntese feita entre o acervo contemplado e a compreensão de mundo de cada criança.

Quadro 2 - Produção livre após aula de campo

Produção	Descrição
	Desenho feito por uma aluna no qual ela retrata alguns quadros que viu, sendo respectivamente: um quadro de um trem, um quadro de um indígena, e um quadro de uma pessoa na qual ela não especificou.
	Desenho feito em três partes, no qual a primeira retrata quadros antigos; a segunda retrata câmeras antigas; e a terceira mostra o Rio de Janeiro antigamente.
	O aluno desenhou alguns quadros, uma câmera antiga e descreveu que viu: paisagens naturais, paisagens modificadas pelo homem e muitas casas.

Fonte: Dados da pesquisa.

A recorrência de elementos como "câmeras antigas", "indígenas" e o "Rio de Janeiro de antigamente" demonstra que a aula de campo cumpriu o papel de alfabetização histórica. Ao desenharem objetos e cenários que remetem ao passado, os estudantes manifestam a compreensão da fotografia como um documento que preserva o tempo. O destaque dado à

figura do indígena e ao trem sugere que o museu proporcionou um contato com alteridades e contextos históricos que, embora distantes do cotidiano imediato da criança, tornaram-se tangíveis e representáveis por meio da imagem.

No que tange a estruturação dos desenhos em "partes" ou sequências, pode-se observar um esforço de organização do pensamento narrativo. Ao selecionar o que retratar, seja uma pessoa não especificada ou um quadro de um trem, a aluna exerce uma curadoria mental, filtrando a imensidão de estímulos do museu para aquilo que lhe causou maior impacto estético. Esse processo de "escolha" no desenho livre é uma evidência de autonomia intelectual, no qual o estudante deixa de ser um espectador passivo para se tornar um intérprete da cultura visual, atribuindo significado próprio aos quadros e objetos expostos.

Panorama geral: museu, bienal e aprendizagens docentes e discentes

A experiência das aulas de campo revelou-se um divisor de águas na formação dos bolsistas do PIBID, deslocando-os do papel de estudantes de Pedagogia para o de mediadores culturais. Ao acompanharem os alunos na Bienal e no Museu, os bolsistas puderam exercitar a 'escuta sensível' e a observação participante, competências difíceis de serem plenamente desenvolvidas apenas no ambiente acadêmico. O registro nos diários reflexivos, que captaram desde o brilho no olhar das crianças até a autonomia de uma aluna ao comprar um livro, demonstra que o PIBID propicia o desenvolvimento de um olhar clínico sobre o processo de aprendizagem. Para o futuro docente, compreender que o letramento ocorre na interação social e no contato com o objeto cultural é fundamental para desconstruir práticas pedagógicas meramente transmissivas.

Além disso, a atuação nas aulas de campo exigiu que os bolsistas articulassem a teoria acadêmica (como Vygotsky e Freire) com a imprevisibilidade do real. Ao mediarem a percepção das crianças diante de uma câmera antiga ou de uma fotografia histórica, os bolsistas vivenciaram a práxis docente: a ação-reflexão-ação. Essa vivência fortalece a identidade profissional, pois coloca o acadêmico diante do desafio de transformar o espaço público em um território educativo. Assim, a formação deixa de ser apenas uma acumulação de conteúdos programáticos e passa a ser uma construção de saberes experienciais, onde o bolsista aprende

que ensinar exige curiosidade, sensibilidade estética e a capacidade de ler, junto com o aluno, as múltiplas linguagens que compõem a sociedade.

Diante dos desenhos feitos pelas crianças, é possível ver como, mesmo após dias da visita, os detalhes se mantiveram firmes e vívidos em suas memórias. A importância das aulas de campo reside na diluição das fronteiras da sala de aula: o aprendizado não se restringe ao espaço museal, mas engloba todo o território educativo, desde a observação da paisagem urbana no trajeto até a ressignificação do acervo por meio do repertório individual da criança.

Conclusões

A investigação das aulas de campo à luz dos multiletramentos permitiu concluir que o processo de ensino-aprendizagem quando rompe os muros da escola e se conecta com a vivência do território pode se tornar potencializador da formação integral dos estudantes. A análise dos registros dos bolsistas do PIBID e das produções infantis evidenciou que a leitura de mundo, mencionada por Freire (1989), manifestou-se de forma concreta: desde a autonomia de uma criança ao adquirir seu próprio livro na Bienal até a distinção entre paisagens naturais e modificadas no Museu da Fotografia.

Ficou demonstrado que o aprendizado não se restringiu ao conteúdo expositivo, mas englobou o trajeto, a tecnologia das câmeras antigas e a sensibilidade estética despertada pelas imagens. As produções gráficas dos estudantes revelaram uma "curadoria mental" sofisticada, onde a seleção de elementos como o estádio Castelão, miniaturas e figuras históricas indicam que a criança não é uma espectadora passiva, mas uma intérprete ativa da cultura.

Por fim, o estudo reforça a importância do PIBID na formação docente, permitindo que os futuros professores compreendam a mediação como ponte para o desenvolvimento cognitivo e social. As aulas de campo não devem ser vistas como eventos isolados, mas como laboratórios de multiletramentos que integram tecnologia, memória e identidade, essenciais para uma educação que pretenda ser, verdadeiramente, crítica e emancipadora.

Destaca-se que iniciativas como esta reforçam a importância do PIBID, fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como política pública de valorização da formação docente, ao proporcionar vivências concretas que articulam teoria e prática de maneira significativa.

Referências Bibliográficas

COELHO, Nelly N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** 7ª Ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.